

ficas da ForDbq e interagir desde o planejamento com suas peças de manobra, garantindo o conhecimento dos *modus operandi* e mantendo o caráter expedicionário dos Fuzileiros Navais do Brasil.

Como exemplo atual, temos os Operadores Especiais dos Estados Unidos da América que integram seus adestramentos aos seus procedimentos por pertencerem ao *United State Special Operations Command* (USSOCOM). No Brasil, as Operações Leão, Albacora, Poraquê, Atlântico, entre outras têm servido para comprovar que a FTCjOpEsp, manobrada pelo ComTO, realmente, otimiza o emprego de Operações Especiais, em especial com a realização de missões de Reconhecimento, Guia Aéreo Avançado e Ações de Comandos em objetivos estratégicos e/ou operacionais, consolidando a tendência mundial de combinar os Operadores Especiais e subordiná-los ao nível mais alto de condução de um conflito em um Teatro de Operações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNCORAS E FUZIS. Rio de Janeiro: Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, n. 19, 2003.

BARROSO, Fabrício Guarino. Pelotão de Reconhecimento no BtlIn-fuzNav [S.l, s.n], 2009.

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN 0-1: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2008a.

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN 1-3: Manual de Operações Especiais de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2007.

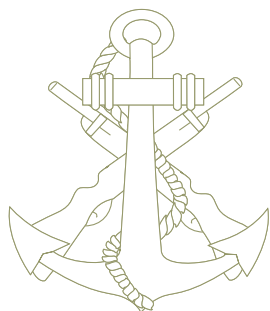
BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN 1-4: Manual de Esclarecimento de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2008b.

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN 20: Manual de Inteligência dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2008c.

CÚELLAR, Juan Carlos Torres. Operação Xeque: a verdadeira história do resgate de Ingrid Betancourt. São Paulo: Planeta, 2009.

DAGOBERTO, Ferreira da Silva Jr. Operações Especiais em Granada: uma comparação com a doutrina vigente. [S.l, s.n], 2010.

VITAL, Rodrigo de Albuquerque Mello. Ações Diretas: Um novo conceito? [S.l, s.n], 2009.



CF (FN) Roberto Guarnieri Salvador
rsguarnieri@yahoo.com.br

Simplificação do Controle Aerotático no emprego dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais

O controle aerotático em qualquer operação militar é uma tarefa complexa. Esta complexidade é decorrente do espaço aéreo, na Área de Interesse, ser utilizado, simultaneamente, por inúmeros meios (tais como: aeronaves, artilharia antiaérea, Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT) e meios de apoio de fogo superfície-superfície), e ter que exercer a coordenação e o controle sobre estes meios sem permitir que ocorra interferência mútua. Contribuindo ainda mais para a complexidade desse cenário, temos as coordenações efetuadas entre as agências de apoio aéreo e de apoio de fogo e a coordenação e controle de aeronaves de outras Forças, quando em uma operação conjunta.

Pesquisando sobre o assunto, foi observado que a busca pelo aperfeiçoamento da doutrina de controle aerotático é uma constante nas diversas Forças Armadas do mundo, que, assim, procuram um modo de fazer frente à complexidade da tarefa, tentando torná-la mais simples. Esta busca também se justifica, entre outras coisas, devido às inovações tecnológicas, que abrem novas possibilidades de emprego dos meios, ou ao surgimento de um novo meio, como foi o caso do VANT.

A publicação CGCFN-321 - Manual de Apoio Aéreo e Controle Aerotático dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav), que dissemina a doutrina empregada na Marinha do Brasil, servirá de base para

orientar este artigo. Assim, os questionamentos aqui tratados terão como referência o citado manual, da qual serão retirados alguns conceitos, a fim de posicionar o leitor no assunto. Começaremos, então, com a definição de Controle Aerotático.

De uma forma geral, o controle aerotático é o controle exercido sobre as aeronaves que prestam apoio às ações de caráter tático, desenvolvidas pelas tropas que compõem os GptOpFuzNav, nos diversos tipos de operações que realizam. (BRASIL, 2008, p. 1-1).

Para que o controle aerotático ocorra, deve ser estabelecida uma estrutura compatível com a operação a ser realizada. Normalmente nas OpAnf, por possuírem o maior grau de complexidade entre as operações realizadas pelos GptOpFuzNav, será estabelecida uma estrutura completa, com todas as agências de controle aéreo constantes da doutrina, como no exemplo a seguir (Figura 1). Porém, isso não é mandatório, pois tal estrutura deve se adequar ao planejamento da operação. O que é mandatório, de acordo com a doutrina, é que devem ser estabelecidas no mínimo, em qualquer tipo de operação, duas agências, o Centro de Comando Aerotático (CCoMAT) e a Equipe de Controle Aéreo Avançado (EqCAA)/Guia Aéreo Avançado (GAA). Assim, as agências de apoio aéreo são ativadas de acordo com o escalão apoiado, a disponibilidade de meios

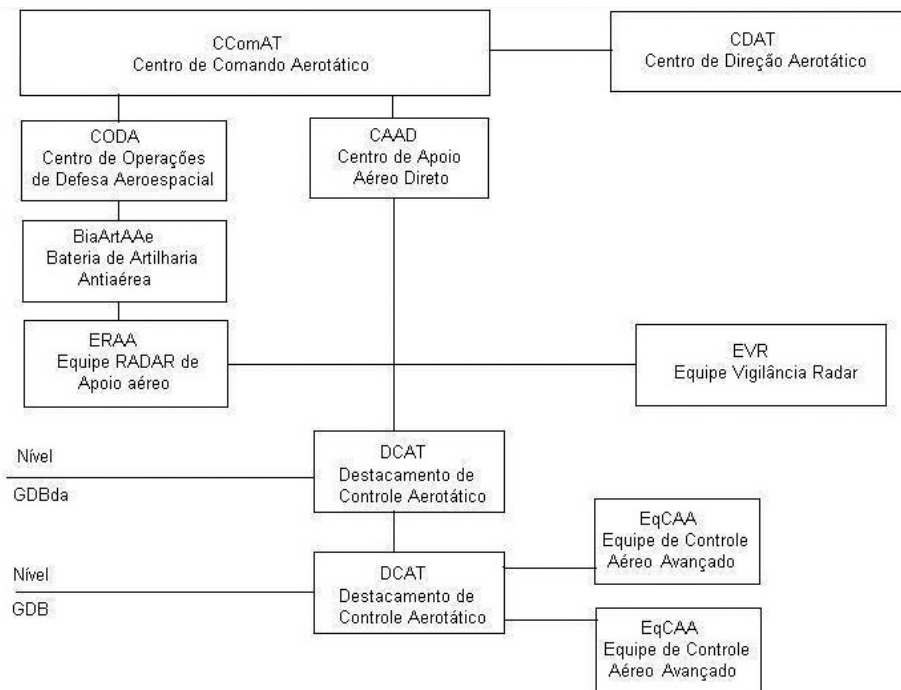


Figura 1 - Estrutura organizacional das agências relativas ao apoio aéreo e à defesa aeroespacial em terra.
Fonte: CGCFN-321, 2008.

Atualização imediata de informações, sobre o amigo e o inimigo, é uma solução lógica, mas, de difícil execução. O Componente de Combate Aéreo (CteCA), a quem cabe mobilizar as agências com pessoal e material de comunicações, deve receber a informação mais atualizada possível sobre as posições do amigo e do inimigo e qualquer outra informação sobre o inimigo que possibilite sua identificação. Assim, os pilotos poderão ser informados antes ou durante o voo com estes dados, a fim de reduzir o tempo de identificação, autorização e ataque a um alvo solicitado ou de oportunidade.

Como última sugestão, temos a utilização de Controlador Aéreo Avançado (CAA) embarcado em aeronave. Apesar de ser mais uma aeronave a

aéreas e as necessidades decorrentes da operação.

Reforçando a idéia de complexidade do tema, vale lembrar o quanto é complicado compreender as explicações sobre a relação entre as agências de bordo e de terra; e sobre as fases e sequências da transferência da coordenação do apoio aéreo para terra. Logo, é correto afirmar que realizar a supracitada transferência é uma faina complicada. Felizmente, a doutrina disseminada no manual é flexível o bastante para permitir que se procure a simplificação do controle aerotático. É claro que não existe uma fórmula pronta para isto, mas, a seguir, serão sugeridas algumas ações visando alcançar o objetivo.

Adestramento específico seria a sugestão inicial. Este adestramento seria no sentido de que todos os usuários do espaço aéreo devem possuir um conhecimento mínimo da forma de emprego, da organização e das tarefas dos demais. Tal medida visa uma maior adequação do planejamento inicial, de cada usuário, e das alterações decorrentes durante a operação.

O Planejamento é a próxima sugestão. Com ele podemos tomar várias medidas para a simplificação do controle aerotático. Uma delas seria planejar uma estrutura de controle mais “enxuta”, somente com as agências estritamente necessárias para aquela operação. Ou ainda, em um momento particular da operação, retirar as agências intermediárias e utilizar somente as agências necessárias a realizar aquela ação específica. Por exemplo, em uma missão de apoio de fogo aéreo ao ataque principal, utilizar somente o CComAT e a EqCAA, agilizando assim o ataque. Pode-se, também, planejar a ampla utilização de medidas de segurança, tais como: medidas de coordenação de apoio de fogo, espaço aéreo restrito, corredores de segurança e diversas outras medidas. Com estas medidas, a necessidade de coordenar certas ações entre os usuários são reduzidas, facilitando, deste modo, o controle.

ser controlada e parecer contribuir negativamente para a simplificação, o uso do CAA embarcado, teoricamente, elimina qualquer problema de comunicação que poderia ocorrer em terra e traria, além de uma visão privilegiada para orientar as ações, a possibilidade de orientar as aeronaves para efetuar o ataque em mais de uma área em menor espaço de tempo e com somente um CAA.

Nos exercícios operativos realizados em Formosa-GO, em 2009 e 2010, e em Três Corações-MG, em 2010, com a participação de aeronaves de asa fixa e rotativa e tiro real de praticamente todas as armas, pode-se dizer que a simplificação do controle aerotático, utilizando algumas das sugestões acima, foi exercida. Será relatada de modo sucinto uma passagem de controle aerotático simplificado ocorrido no exercício realizado em Três Corações-MG. Neste exercício ocorreu uma manobra em que as duas CiaFuzNav em primeiro escalão, que possuíam GAA, seriam apoiadas por aeronaves AF-1 e fogos de artilharia em um ataque a posições inimigas. Assim, foi estabelecido, para a aeronave, um ponto de espera e um setor de aproximação até os alvos. O CComAT assumiu o controle da aeronave no ponto de espera e a conduziu pelo setor de aproximação até passar o controle da aeronave diretamente para o GAA, de uma das CiaFuzNav, que por sua vez a orientava para a execução do ataque. Após o ataque, o CComAT reassumia o controle e orientava a aeronave para o ponto de espera, repetindo a cinemática com o GAA da outra CiaFuzNav. Simultaneamente, a artilharia realizava fogos quando a aeronave estava no ponto de espera ou estava em outro setor, isto ocorrendo com a coordenação das respectivas agências de controle. Deste modo, foram estabelecidas medidas de coordenação e foi reduzida a estrutura de controle, ações que simplificaram o controle aerotático.

Concluimos, então, que o controle aerotático é muito complexo e que existem inúmeras variáveis que devem

ser pensadas para exercê-lo de modo seguro e eficiente. A sua simplificação é desejável, porém, não é uma meta fácil de ser alcançada. Devemos unir todos que tem alguma relação com o assunto para pensar nas soluções a serem elaboradas, testadas e implantadas, sabendo que o aperfeiçoamento do controle aerotático deverá sempre ser buscado.

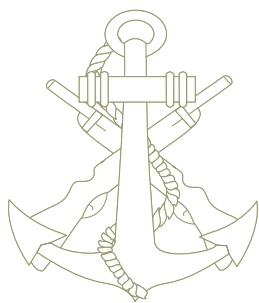
Nota: Sugestões sobre o tema proposto poderão ser encaminhadas ao Centro de Estudos do CFN para apreciação. Caixa postal: ancorasefuzis@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Marinha do Brasil. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-321: Manual de Apoio Aéreo e Controle Aerotático dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2008.

MAGALHÃES, Paulo Maurício de Moraes. A coordenação e controle do espaço aéreo em campanha: um estudo. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <www.rzoconsultoria.com.br/download.php?id=37>. Acesso em: 01 mar.2011.

CMG (FN) Carlos Chagas Vianna Braga
carlos.chagas@btlog.mar.mil.br



Atuação da Marinha do Brasil na Operação Rio 2010: os principais atributos do Corpo de Fuzileiros Navais em evidência

Em novembro de 2010, durante, possivelmente, a mais grave crise de segurança vivida pela cidade do Rio de Janeiro em sua história recente, a Marinha do Brasil (MB) teve participação inusitada, marcante, decisiva e, por que não dizer, também surpreendente.

Uma onda de criminalidade sem precedentes, que beirava o terrorismo, crescia a cada dia, sem encontrar limites. Na segunda quinzena de novembro, o número de veículos queimados diariamente nos mais diversos pontos da cidade já era superior a trinta. Além disso, atentados de todo tipo e suspeita de bombas levavam o pânico à população do Rio de Janeiro.

Foi neste contexto que a MB, atendendo a uma solicitação direta do Governador do Estado do Rio de Janeiro, desencadeou, com amplo sucesso, uma operação de apoio às forças de segurança daquele Estado, empregando meios blindados do seu Corpo de Fuzileiros Navais (CFN). Assim, o propósito deste ensaio é relatar a sequência de eventos ocorridos, desde o início da mobilização até o término da operação, e avaliar como as características essenciais de prontidão operativa e capacidade expedicionária do CFN, aliadas às características básicas do Poder Naval de flexibilidade, versatilidade e mobilidade, não apenas estiveram evidentes durante toda a operação, como foram fundamentais para o pleno sucesso alcançado em todos os níveis.

A mobilização

Dia 24 de novembro, quarta-feira, o último grande exercício do Programa de Adestramento da Força de Fu-

zileiros da Esquadra (FFE), o ADEST BTLPROT¹, está sendo encerrado em Itaoca, ES. Na ocasião, ocorre também um almoço em homenagem ao Comandante da Força, Vice-Almirante (FN) Leitão, que está se despedindo para assumir o cargo de Comandante do Pessoal de Fuzileiros Navais, com a presença dos Almirantes e Comandantes de Unidade da FFE. Em seu discurso, o Almirante Leitão faz uma rápida retrospectiva e menciona sua satisfação com o encerramento de um ano operativo intenso e bem sucedido. Naquele momento, nenhum dos presentes poderia imaginar o que viria a ocorrer nas horas seguintes.

Missão cumprida, exercício encerrado, ano operativo concluído. Todos os presentes no almoço iniciam o deslocamento de regresso ao Rio de Janeiro. Pouco depois das 17h, o Comandante da FFE (ComFFE), ainda no início de seu deslocamento, recebe um telefonema informando que o Governador do Estado do Rio de Janeiro havia solicitado o apoio da Marinha, e que a decisão seria atender ao pedido. O apoio consistiria basicamente na utilização de blindados do CFN para o deslocamento e proteção de policiais.

Uma série de telefonemas é desencadeada e os comandantes das unidades que, a princípio (naquele momento não se sabia exatamente qual a missão ou mesmo as circunstâncias envolvidas), estariam diretamente envolvidas, são acionados, imediatamente, para mobilização dos meios. Foram acionados o Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais (BtlLogFuzNav), o Batalhão de Blindados

¹ O ADEST BTLPROT (Adestramento de Batalhão de Proteção) é o exercício utilizado atualmente para coroar o preparo de cada contingente do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais-Haiti, antes de seu deslocamento para aquele país.